

AO ENTARDECER DA VIDA

Francisco Neto Pereira Pinto¹

Era uma tarde qualquer de agosto, sol miseravelmente quente e o vento soprava um vapor seco áspero e as folhas das árvores no quintal consideravelmente grande para uma cidade de porte médio, considerando a realidade demográfica da região Norte, e desta, o Norte Tocantinense. Araguaína é uma das mais importantes cidades deste Estado, o que coloca o moço de sessenta como um cidadão de considerável condição, pois tem uma casa mediana e um quintal onde o sol de agosto pode invadir e o vento fazer rodopio com o que cai das muitas árvores que trazem medida de sombra e lá, debaixo de uma frondosa mangueira, põe uma cadeira o moço e se põe a terminar a leitura do romance que começara a ler ainda pela manhã. Começou a trabalhar cedo na vida e agora a aposentadoria lhe permite ser indiferente ao tempo e viver assim, de fazer nada, de ociosidade que de tão ociosa lhe promete ainda tirar a sanidade, que já não se pode dizer que é muita. Ao menos os livros para entretê-lo, e ainda é o que lhe sustenta a vida, senão já teria morrido lá, sozinho, na casa com quarto e cama de casal que desde sempre jamais se acostumou à presença costumeira de um corpo a mais; aliás, de vez em quando aparecia um, mas sempre estranho, volta umas poucas vezes e desaparece para, então, retornar outro estranho para, então, comparecer mais algumas poucas vezes para, então...e é sempre assim. Casa com cozinha, também testemunha de muitos pratos de causarem delírios estomacais, frequentada sempre depois de esgotamentos e delírios que requerem os corpos recomporem-se e aí então é saciedade pós-saciedade; duplamente. Ah! velhos tempos, suspira o moço, agora saciado de tanta solidão. Meu Deus, sessenta, pensa e assusta-se, o corpo estremece, como se estivesse acordando para uma dura realidade que a mente ainda impõe barreiras ao reconhecimento e prefere relegar ao inconsciente. Estratégia de sobrevivência? Inferno, esse sou eu! Foi tomado de uma comoção e parecia que agora as vísceras não cabiam mais dentro de si e urgia por uma expulsão pelos poros por todo o corpo, mas isso não era outra coisa senão uma aguda tomada de consciência de que estava agora ali sem ninguém aos sessenta sem alguém no mundo para quem pudesse confessar que tinha medo de morrer sozinho e de que tinha doenças e que precisa ir ao médico constantemente e também fazia tratamento para depressão e os remédios o deixava sonolento e poderia uma hora dessas dormir e não

¹ Mestrando em Ensino de Língua e Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus de Araguaína.

acordar mais por que tinha vida sedentária e não tinha coragem e ânimo para praticar esportes e depois não levava jeito pra isso e em decorrência disso poderia ter problemas coronários afinal já tinha sessenta e tudo pode acontecer e, meu Deus, como isso pôde acontecer? Irromperam lágrimas, ao que ele dispensou muita força com o fim de contê-las em um esforço em vão. Gemeu, de dor no íntimo. Não sabia bem onde, mas sentia um nódulo de dor que crescia em algum lugar lá dentro de si, talvez no estômago, pois é aí que fica alguma coisa concreta e que fosse capaz de ir crescendo, crescendo e agora parecia tomar todo o corpo e doía muito e por um momento contorceu na cadeira grande de macarrão e abriu a boca ofegante pensando com isso poder libertar tudo aquilo que ao fim das contas era tudo sua amargura que de tão amarga era difícil de chorar. Levou a mão ao rosto para enxugá-lo e deu-se conta de que ainda segurava o livro e sentiu vontade de continuá-lo. Estava morrendo de amores por Sabrina e sentia imensa inveja de Tomas, sentia que tinha alguma conexão com ele, talvez fosse um processo de identificação, similaridades da vida. Como pude me esquecer? Pensamento tão repentino e forte, tão claro como um lampejo, passando alguém pela rua poderia tê-lo ouvido. Haviam há pouco tempo acordado para os desejos da mocidade; Deus, foi há tanto tempo, nem sei como começou; estava calmo agora o moço, bêbado já com esses sentimentos, mas foi tudo tão natural...”te amo, te amo, és minha canção”, até parece que Neruda os conhecia...puro desatino de descontroladas emoções jovens...e foi assim. Não se pode dizer que houve em tudo isso um rompimento de suas inocências, pois nem refletiam sobre isso, em momento algum e nem nunca e só sentiam que aquilo era felicidade, cada um consigo mesmo, sem confissões, pois elas eram desnecessárias. E por que acabou? Ficou aterrorizado o moço, de ver que aquela história era a sua e que poderia ter continuado por outros rumos que não aquele que lhe havia conduzido àquele estado em que agora se encontrava, de esquecimento de si, de tanta mesquinhez que tudo que lhe suportava a presença era uma pobre gata parideira que mais lhe fazia companhia por uma relação meramente instrumental que por amor, falasse a pobre...havia mesmo esquecido de si, pois sabia que não poderia suportar saber quem ele mesmo era; às vezes é melhor não saber, raciocinava, e continuava a viver, pensando muitas coisas sobre muitas coisas, pois esse negócio de conhecimento que produz verdade sobre si mesmo é uma coisa dura, e de durezas, sentia o moço, sua vida havia sido feita e era o que ela era todos os dias. Sentiu que precisava ir urgentemente ao banheiro, pois em dias quentes, já se sabe. Coisa tão rotineira e natural que nos passa despercebida, mas não para o moço de sessenta, desta vez, pela primeira vez.

Depois do prazer da necessidade feita, o embaraço de ter em sua mão seu sexo em movimentos de higiene própria dos homens nessas ocasiões e ele estava flácido, tão fácil de ser manejado para lá e para cá sem impor resistência alguma, tão indiferente, de má vontade com tudo que fosse além de uma obrigação imperativa de fazer aquilo que acabara de fazer. O moço viu que não era apenas seu sexo, mas todo o seu corpo era agora aquilo, um monte de massa biológica em algum lugar no mundo, não mais fazendo sentido, todo desinteressado e sem interessar a mais ninguém. Sentiu pena de si e ficou envergonhado, se recolheu e foi sentar-se novamente. Mas já tive um corpo bonito, e já fui desejado, muito desejado, pensamento que tentava se impor aos sentimentos de desajeitado que assediava ao moço e trazia também à memória um tempo em que esteve intensamente à serviço do corpo, procurando de todas as maneiras outros corpos, muita variedade e o prazer sempre reclamando quantidade e o desejo era assim...Ah, meu Deus, estou velho, quem deseja a um velho? Lhe ocorreu que se ocupara com o pensamento de adotar uma criança e assim dar cabo do sentimento de ser tão finito e que estava passando,...ou se chegaria a uma também velha para conversarem às altas da madrugada já que agora sono era visita rara, e se acostuariam um ao outro, como as personagens de Lobo Antunes... E lhe ocorreu, por fim, que o que vinha sentido há tempos era um desejo último, perigoso, mas sublime, era o desejo de morte, de morrer como no romance do Camilo, de um morrer que o fizesse perder-se. Queria morrer de um golpe de amor, e que fosse bem no coração...

Ó, Rita

Serpente

Dá-me uma gota do teu veneno e incita-me ao amor

Ardente